

O projeto arquitetônico contemporâneo: do ensino à prática. Reflexões de uma experiência didática.

*The contemporary architectural design: from teaching to practice.
Reflections of a learning experience.*

*El proyecto arquitectónico contemporáneo: de la enseñanza a la práctica.
Reflexiones de una experiencia didáctica.*

AFONSO, Alcília

Doutora em projetos arquitetônicos pela ETSAB. UPC. ES

Professora adjunta/ Curso de Arquitetura e Urbanismo/ UAEC/ CTRN/ UFCG

Email: kakiafonso@hotmail.com

RESUMO

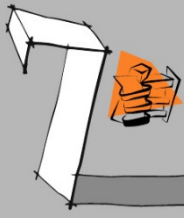
Este texto, que tem como título "O projeto arquitetônico contemporâneo: do ensino à prática. Reflexões de uma experiência didática"- possui como objeto de discussão, um olhar crítico a respeito do ensino de projeto de arquitetura em cursos de graduação e pós graduação em Arquitetura e Urbanismo da UFPI/ Universidade Federal do Piauí e da UFCG/ Universidade Federal de Campina Grande, nos quais possuo experiência acadêmica. Como objetivo, pretende realizar uma reflexão a respeito das metodologias de ensino do processo projetual, relacionando este com a prática profissional, voltada à criação de espaços na contemporaneidade. Justifica-se pela necessidade em discutir questões pertinentes ao surgimento de novos programas que a sociedade pós moderna demanda, bem como, a utilização em projetos contemporâneos de novos sistemas e materiais construtivos existentes no mercado para atenderem às exigências atuais de sustentabilidade, acessibilidade, entre outras. Como metodologia para seu desenvolvimento, inicialmente, serão tratadas questões que discutem a necessidade de um embasamento teórico no ensino de projeto e na prática projetual, para em um segundo momento, observar as demandas programáticas da cidade contemporânea e analisar de que forma, a produção projetual acadêmica vem atendendo a tais pontos.

PALAVRAS CHAVE: Projeto arquitetônico; metodologia de ensino; arquitetura; cidade contemporânea

ABSTRACT

This text, which is entitled "The contemporary architectural design: from teaching to practice. Reflections of a learning experience "- has as an object of discussion, a critical eye regarding teaching architecture design in undergraduate and graduate programs in Architecture and Urban Planning in the UFPI / Universidade Federal do Piauí and UFCG / Universidade Federal de Campina Grande, where own academic experience. The objective, plans to hold a reflection on the teaching methodologies of the design process, linking this with professional practice, aims to create spaces in contemporary times. Justified by the need to discuss issues related to the emergence of new programs that post modern society demands as well, the use in contemporary designs of new systems and existing construction materials in the market to meet the current requirements of sustainability, accessibility, among others . The methodology for its development initially issues will be dealt discussing the need for a theoretical foundation in design education and design practice, for in a second time, observe the programmatic demands of the contemporary city and examine how the projetual production academic is in compliance with such points.

KEY-WORDS: Architectural design ; teaching methodology ; architecture ; contemporary city



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

RESUMEN

Este texto, que se titula "El proyecto arquitectónico contemporáneo: de la enseñanza a la práctica. Reflexiones de una experiencia didáctica"- posee como objeto de discusión, una mirada crítica respecto a la enseñanza de proyecto arquitectónico en cursos de graduación y post grado en Arquitectura y Urbanismo, de la UFPI / Universidade Federal de Piauí y UFCG / Universidade Federal de Campina Grande, en las cuales poseo experiencia académica. El objetivo es llevar a cabo una reflexión sobre las metodologías de enseñanza del proceso de proyecto, vinculando esto con la práctica profesional, para la creación de espacios en la contemporaneidad. Justificase por la necesidad de discutir temas relacionados con la aparición de nuevos programas demandados por la sociedad contemporánea y materiales constructivos existentes en el mercado para satisfacer las necesidades actuales de la sostenibilidad, la accesibilidad, entre otros. Como metodología para su desarrollo, inicialmente, serán trabajados temas que discuten la necesidad de una fundamentación teórica en la enseñanza del proyecto y en la práctica proyectual, para en un segundo momento, observar las exigencias programáticas de la ciudad contemporánea y examinar cómo la producción proyectual académico cumple con dichos puntos.

PALABRAS-CLAVE: Proyecto arquitectónico; metodología de la enseñanza; arquitectura; ciudad contemporánea

1 INTRODUÇÃO

Este texto, que tem como título "O projeto arquitetônico contemporâneo: do ensino à prática. Reflexões de uma experiência didática"- possui como objeto de discussão, um olhar crítico a respeito do ensino de projeto de arquitetura em cursos de graduação e de pós graduação no nordeste brasileiro, da UFPI/ Universidade Federal do Piauí e da UFCG/ Universidade Federal de Campina Grande, nos quais possuo experiência acadêmica. O curso de especialização em Práticas Projetuais, realizado pelo Departamento de Construção Civil e Arquitetura/ DCCA, do Centro de Tecnologia na UFPI, também proporcionou uma vivência com projetos arquitetônicos elaborados por arquitetos, podendo aqui ser discutidos, como exemplos para este artigo.

Como objetivo, pretende realizar uma reflexão a respeito das metodologias de ensino do processo projetual, relacionando este com a prática profissional, voltada à criação de espaços na contemporaneidade.

Justifica-se pela necessidade em discutir questões pertinentes ao surgimento de novos programas que a sociedade pós moderna demanda, bem como, a utilização em projetos contemporâneos de novos sistemas e materiais construtivos existentes no mercado para atenderem às exigências atuais de sustentabilidade, acessibilidade, entre outras.

Como metodologia para seu desenvolvimento, inicialmente, serão tratadas questões que discutem a necessidade de um embasamento teórico no ensino de projeto e na prática projetual, para em um

segundo momento, observar as demandas programáticas da cidade contemporânea e analisar de que forma, a produção projetual acadêmica vem atendendo a tais pontos.

2 A NECESSIDADE DE UM EMBASAMENTO TEÓRICO NO ENSINO DE PROJETO E NA PRÁTICA PROJETUAL.

O que vem a ser a teoria da arquitetura e de que forma se faz presente no projeto arquitetônico contemporâneo? Como ser original, criativo e inovador em intervenções projetuais atuais, estando atento à construção da teoria da arquitetura ao longo de sua história? Esta seria a primeira questão a ser aqui discutida.

STROETER (1986, p.19), coloca que a “teoria da arquitetura vem a ser a reflexão sobre o ato de fazer arquitetura, com todas suas implicações e nos seus três tempos, passado, presente e futuro. É o pensar sobre o fazer”.

Refletir sobre o porquê de propor determinadas soluções em planta, em volumetria, materiais, sistemas e soluções construtivas que estejam embasadas em uma teoria específica que dê o suporte para a criação proposta. Não apenas o criar por criar.

Vários autores têm colocado que a existência de um embasamento teórico, que dê suporte ao ensino e ao desenvolvimento de projetos na prática profissional, vem sendo a cada dia menos presente.

MONTANER (2007, p.149) em sua obra “Arquitetura e Crítica”, escreveu sobre uma crise de metodologias na contemporaneidade, questionando qual seria a relação existente entre o embasamento crítico/ teórico e uma obra em si.

Na base da formação do arquiteto na contemporaneidade, pode-se observar que as escolas de arquitetura, na sua maioria, não estão preparadas para dar aos estudantes, de modo sistemático, orientações de projeto que não sejam as normas da boa construção e do atendimento adequado às exigências do programa, conforme afirmou Stroeter, que colocou:

“Aos estudantes de arquitetura ensina-se principalmente como construir ou como planejar, o que não é pouco... a formação do arquiteto será incompleta e insuficiente sem a visão teórica das intenções que regem as decisões de projeto, em todas as suas fases, da concepção ao detalhamento... Uma das maiores dificuldades do ensino, do projeto e da crítica da arquitetura é provavelmente, a inexistência de algo que possa ser tomado, com certo consenso, como uma teoria, e que não se confunda com sua história”. (STROETER, 1986, p.18)



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

Dessa forma, uma teoria da arquitetura tem, portanto, “limites amplos e imprecisos, já que trata dos seus ideais, da estética, e da construção, bem costurados pelo fio da história e dificilmente separáveis”, ainda citando STROETER (1986, p.19).

Uma das maiores dificuldades do ensino, do projeto e da crítica da arquitetura é provavelmente, a inexistência de algo que possa ser tomado, com certo consenso, como uma teoria, e que não se confunda com sua história. (STROETER, 1986, p.19).

O professor gaúcho Edson Mahfuz, em artigo escrito em 2002, colocou ainda sobre o tema em discussão, que é preciso ter muito claro que entre teoria e prática não existe contraposição e, menos ainda, exclusão, mas, plena complementaridade. E citou uma fala do professor catalão da ETSAB/UPC, Carlos Martí Arís:

“Não pode haver teoria que não se alimente dos resultados da prática, nem existe prática que vá além da simples reprodução mecânica do existente que não se apóie em uma reflexão de caráter teórico. (ARÍS, Carlos Martí. El arte y la ciencia: dos modos de hablar con el mundo, texto não publicado apresentado em Roma, no congresso “Il Progetto Architettonico”, 1998, p. 2).

Contudo, por outro viés, pode-se observar que na contemporaneidade está existindo certa confusão e descrédito de uma crítica que está conduzindo a teoria arquitetônica a uma mera prática profissional, ou seja, um deslocamento do peso das teorias mais importantes para textos gerados pelos próprios arquitetos que produzem suas obras.

MONTANER (2007, p.130) cita como contrapartida positiva deste processo, os textos dos arquitetos criadores atuais tais como Jean Nouvel, Rem Koolhaas, Toyo Ito, Bernard Tschumi: a teoria a partir da criação.

Muitos destas discussões estão presentes no livro organizado por KATE NESBITT (2013), “Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)”, na qual a professora norte americana reuniu textos contemporâneos, produzidos entre 1965 a 1995, constituindo-se no melhor balanço sobre o debate entre projetos arquitetônicos modernos e pós modernos, escritos por Tafuri, Argan, Colquhoun, Frampton, Rossi, Venturi, Tadao Ando, Tschumi, Koolhaas entre outros.

Além da discussão sobre a necessidade de embasamentos teóricos como suporte no ensino de projetos e na prática projetual, também se faz necessário trabalhar com os conceitos de tipo, função, significado do espaço, tectônica- presentes constantemente ao longo da teoria da arquitetura, e que muitas vezes, nas disciplinas de projeto arquitetônico de nossos cursos de graduação, não estão sendo considerados, ou estão sendo mal interpretados, ao serem vistos como regras ou manuais

projetuais, limitadores dos distintos e amplos processos criativos atuais. O professor e arquiteto catalão Helio Piñón explica que:

A visão da teoria como algo que precede e orienta a prática de projeto é um mal entendido clássico. A teoria não deve ser entendida como um manual de instruções para o projeto; não se trata de um método operativo camuflado por uma roupagem literária. As teorias são simplesmente tentativas de explicar os fatos que resistem à abordagem do mero sentido comum. (PIÑÓN, 1999)

Os alunos desconhecem o significado e a importância de conhecer os conceitos que embasam a discussão arquitetônica e relacioná-los com suas práticas acadêmicas. Falha dos programas das disciplinas que são pré requisitos para a cadeira de projetos arquitetônicos? Falta de embasamento teórico dos próprios professores da disciplina de projetos, que acreditam que suas aulas são meramente práticas, desconsiderando uma carga horária reservada à teoria, dentro dos créditos propostos para a disciplina? São questões polêmicas, difíceis de ser discutidas e ter posições assumidas de “*mea culpa*”, por parte dos docentes.

Diversas vezes, ouvem-se comentários de alunos que contam que tal professor pediu em sala de aula, na disciplina de projeto, em uma tarde, o desenvolvimento de um projeto de um edifício complexo, devendo o discente desenvolver em tempo recorde, uma concepção projetual, como em um “passe de mágica”. E tal fato, repete-se por diversas aulas: cada aula um projeto! Sem estudos tipológicos, sem reflexões, sem elaboração de programas de necessidades, sem relação com os condicionantes, sem fatos concretos e reais que envolvem o desenvolvimento projetual. Estes mesmos professores, ao conversarem sobre o assunto, justificam “a metodologia”, como a busca pela criatividade, pela liberdade de expressão!

Tem-se observado que há um urgente e necessário aprofundamento teórico que anteceda a prática projetual, que não vem sendo corrente em nossos cursos de graduação, pois pode ser constatado tal fato em nossas graduações, e afirmo tal colocação, pela experiência adquirida ao longo de minha vida acadêmica durante trinta e um anos, responsável por disciplinas de projetos arquitetônicos na UFPI, e atualmente, na UFCG.

Mas, quais seriam estes conceitos antecessores ao desenvolvimento projetual, que vem se perdendo nas discussões da disciplina? Ao debruçar-se sobre os mesmos, tem-se o conceito de tipo¹, como um dos que, inicialmente, pode dar início aqui a esta reflexão.

COLIN ROWE (2000) conceitua tipo como “classe ou coleção de edifícios com uma ou mais características- formais ou funcionais- que os identificam como pertencentes ou não a esta classe ou coleção” .

A abordagem tipológica da arquitetura foi disseminada no Século XX, a partir da década de 60, especialmente, por Aldo Rossi e Giulio Carlo Argan. Nas décadas de 70 a 90, foi bastante explorada por Alan Colquhoun, Alfonso Corona Martinez, Carlos Martí Arís, Giafrancesco Caniggia, Rafael Moneo, Micha Bandini, Leandro Madrazo, e até hoje continua sendo objeto de estudos teóricos, pesquisas acadêmicas e novas edições de importantes publicações.

Observa-se que o conceito de tipo, por exemplo, vem sendo entendido na atualidade, como estudos de casos, que muitas vezes, confundem-se com exemplos a ser copiados, e, não a servir como influências arquitetônicas que possuem pontos convergentes, funcional ou formalmente.

PEREIRA (1987) em sua tese doutoral intitulada "Arquitetura, imitação e tipo em Quatremère de Quincy" aprofundou a discussão existente entre imitação e tipo, adotando o tipo arquitetônico como o conceito que esclarece a distinção entre imitação e cópia, e citou o teórico renascentista Quatremère de Quincy que afirmou que a palavra tipo apresenta menos a imagem de uma coisa a copiar ou imitar por completo, que a ideia de um elemento que devia ele mesmo servir de regra ao modelo.

Adotando a distinção entre tipo e modelo, conforme Quatremère de Quincy, ARGAN (1965) enfatizou que apenas **o tipo deveria ser o ponto de partida do projeto** (grifo da autora), defendendo que “a tipologia deve ser encarada como processo criativo, e não como um mero sistema de classificação.”

Diversos autores e professores tem se voltado para o debate sobre tipo na contemporaneidade: ROSSI (1982) escreveu que “o tipo é a própria ideia de arquitetura, aquilo que está mais próximo de sua essência”. MAHFUZ (1984) corroborou com a discussão, afirmando que "o conceito de tipo possibilita o uso da história como fonte de pesquisa e inspiração quando resgata princípios, e não formas literais, de antecedentes arquitetônicos".

A discussão sobre forma e função também é sempre necessária no processo projetual, e observar ao longo da teoria da arquitetura as diversas discussões² é salutar, pois poder-se constatar o debate entre um conceito e outro, e de que forma estes estão relacionados na contemporaneidade: de Viollet-le-Duc, passando por Le Corbusier, Gropius, com as teorias funcionalistas e da arquitetura da lógica, o organicismo encabeçado por F.L. Wright, até a crítica realizada pelos pós modernos, como

Robert Venturi. Contrapor estas correntes, despertar o interesse do aluno para cada uma delas, analisar os pontos positivos e/ou negativos, é fundamental no processo projetual.

Quantas vezes, vimos os alunos da disciplina de projetos, tendo suas “ideias” formais, tentando encaixar de todo modo, um programa de necessidades dentro de um volume pré concebido, e que não foi desenvolvido em paralelo à função do edifício, dialogando com a funcionalidade espacial?

O mestre Lúcio Costa, em texto de 1940, já escrevia que “a arquitetura deve ser vista como construção concebida com a intenção de ordenar e organizar plasticamente o espaço em função de uma determinada época, de um determinado meio, de uma determinada técnica e de um determinado programa”, complementando:

Por outro lado, a arquitetura depende ainda, necessariamente, da época da sua ocorrência, do meio físico e social a que pertence- da técnica decorrente dos materiais empregados e, finalmente, dos objetivos e dos recursos financeiros disponíveis para a realização da obra, ou seja, do programa proposto.

Entendendo que arquitetura é construção de espaços, e que o projeto arquitetônico é uma ferramenta para se produzir arquitetura, PIÑÓN (2014) entende ainda, que, projetar também é construir, e que a construção é a condição da arquitetura e a tectônica, um valor inequívoco a mesma:

La construcción es la condición de la arquitectura, y la tectonicidad, un valor inequívoco de sus productos: cualquier edificio banal mejora sustancialmente con sólo tener en cuenta los aspectos constructivos que se han previsto para su realización... no hay proyecto sin materia y, sobre todo, con la asunción de la evidencia de que proyectar es construir. (PIÑÓN.2014)

Portanto, o conceito de tectônica também necessita de maiores discussões no processo projetual contemporâneo, devendo ser mais aprofundado por professores e alunos na elaboração das propostas.

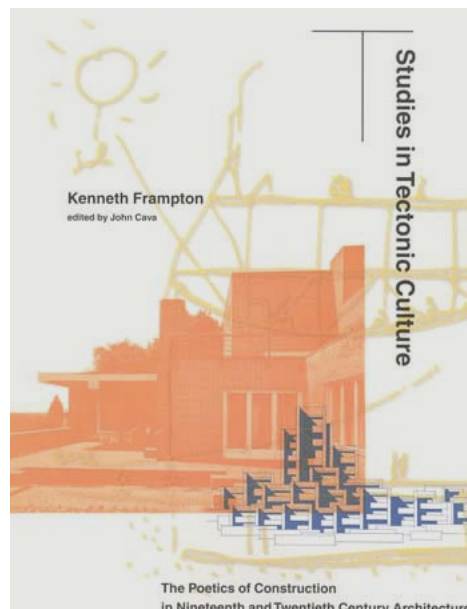
NESBITT (2013) colocou que os estudos sobre tectônica e arquitetura apareceram na crítica arquitetônica do fim do período modernista, e vem se constituindo em um dos principais temas do debate contemporâneo, ao lado da semiótica, da fenomenologia, do desconstrutivismo, e do regionalismo crítico.

Kenneth Frampton³ provocou uma renovação do debate sobre a tectônica, promovendo a noção ao estatuto de “potencial de expressão construtiva” da arquitetura, capaz de reunir aspectos materiais e construtivos aos aspectos culturais e estéticos.

O conceito de tectônica⁴ vem sendo exaustivamente desenvolvido por FRAMPTON (1990), que procurou relacionar a arquitetura com o saber fazer, mediante o entendimento das técnicas construtivas passadas de geração em geração pelos mestres de obras, empreiteiros e técnicos da construção, como algo importante e essencial para a cultura e identidade de um povo.

FRAMPTON (1990) defende o cultivo consciente da tradição tectônica na arquitetura como um elemento essencial para o desenvolvimento futuro da forma arquitetônica, lançando uma nova luz crítica sobre toda a questão da modernidade e sobre o lugar. Tais reflexões podem ser aprofundadas em suas obras: "Studies in Tectonic Culture" (figura 1), e "Rappel à l'Ordre: The Case for the Tectonic".

Figura 1: Capa do livro Studies in Tectonic Culture.



Fonte: Frampton. 1995.

A propriedade, que tem o elemento constituinte da arquitetura de conter os aspectos operativos ou funcionais associados aos aspectos estéticos, foi discutida além de Frampton, por Gregotti (1983) e Frascari, e diz respeito aos valores tectônicos, que não se limitam a revelar a verdade construtiva do edifício, mas a identificar os atributos estéticos provenientes dos recursos técnicos utilizados.

Vittorio Gregotti, na obra "O Exercício do Detalhe" (1983), procurou demonstrar como a questão dos detalhes arquitetônicos pode evidenciar a relação da parte com o todo e ser um elemento crucial na experiência arquitetônica e propôs o estudo da tectônica, ou seja, a apreensão e o cuidado com os detalhes e articulações de materiais e junções, como capaz de prover um novo olhar sobre a arquitetura.

Atrelada a esta reflexão, vem à tona, a importância da relação projeto arquitetônico, tectônica e detalhe, que Frascari (1981), em sua obra "The Tell-the-Tale Detail" afirmou que "...o aspecto da *construction* (edificação) e o aspecto de *construing* (atribuição de significado) da arquitetura manifestam-se igualmente no detalhe".

Dessa forma, observar os materiais construtivos do lugar, as técnicas construtivas utilizadas ao longo dos anos por determinado povo e sua cultura, que resultaram em detalhes arquitetônicos criativos, também devem fazer parte deste processo projetual contemporâneo (figura 2). Criar e inovar, respeitando as tradições culturais, o saber fazer, o patrimônio material e imaterial de uma determinada região, de um determinado grupo social.

Figura 2: Arquitetura/ tectônica/projeto.
Edifício da Secretaria de Cultura de Campina Grande.



Fonte: Fotografia da autora. 2005.

A forma como os materiais são tratados na arquitetura, a exposição de partes e arremates, a busca por uma honestidade construtiva, a utilização dos materiais, a evidenciação do processo construtivo, alinhou-se com a reflexão desses arquitetos e teóricos, anteriormente citados e tal fato, tem sido fundamental na produção de obras contemporâneas. O projeto arquitetônico como ferramenta da arquitetura, da construção de espaços, necessita do diálogo com os conceitos que sempre estiveram no entorno dessa produção, e não deve ser visto de forma distinta em intervenções na cidade contemporânea.

3 DEMANDAS PROGRAMÁTICAS DA CIDADE CONTEMPORÂNEA.

Mahfuz, em artigo escrito em 2013, colocou que ao observarem-se atentamente as cidades, especialmente as brasileiras, constatam-se as deficiências da produção média atual, apontando para que:

Essas deficiências se caracterizam pelo escasso entendimento da boa relação edifício/entorno, pelo excesso formal, pela predileção pela aparência à custa da substância da arquitetura, pela ineficiência energética e pela perversão do papel cultural da arquitetura, inúmeras vezes tornada meio de expressão individual e de impacto midiático. (MAHFUZ, 2013)

A relação entre arquitetura e cidade é fundamental no processo projetual, considerando que o lugar do projeto é na maior parte dos casos, o espaço urbano, pois é nele que se concentra a maior parte da população e que demanda por novos serviços para atender a sociedade pós moderna.

O urbanista francês François Ascher em seu livro, “Novos princípios do urbanismo” (2010), escreveu sobre esta sociedade pós moderna na qual vivemos, apontando para a existência de novos programas urbanos, para atender uma sociedade hipertexto, conectada em redes, que demanda por espaços mais voltados para as pessoas, e não somente para os automóveis; sustentáveis e compactos, como forma, de facilitar as infra estruturas urbanas para a melhoria e qualidade de vida dos cidadãos (figura 3).

Figura 3: A cidade para as pessoas. Novos programas e projetos para a cidade.



Fonte: Proposta do GPE/ Grupo de projetos estruturantes. Teresina. 2014.

Este novo urbanismo emergente pós moderno caracteriza-se por ser um urbanismo de dispositivos, por não tratar tanto de fazer planos, mas de programar mecanismos que os elaborem, os discutam,

os negociem, os façam evoluir; um urbanismo reflexivo, pois a análise já não vem antes da regra e do projeto, mas está permanentemente presente. O conhecimento e a informação são mobilizados antes, durante e depois da ação.

Reciprocamente, o projeto torna-se, também, plenamente, um instrumento de conhecimento e de negociação; um urbanismo de precaução, que dá lugar às controvérsias e que se dota dos meios de ponderar as externalidades e as exigências do desenvolvimento sustentável; um urbanismo concorrente: a concepção e a realização dos projetos resultam da intervenção de uma multiplicidade de atores com lógicas diferentes, e da combinação das suas lógicas (figura 4).

Figura 4: Arquitetura/ cidade/ novos espaços: espaços urbanos e combinação de lógicas.



Fonte: Proposta do GPE/ Grupo de projetos estruturantes. Teresina. 2014.

Esta discussão sobre as cidades contemporâneas também vem recebendo contribuições ao longo dos anos, de encontros científicos e políticos, que resultam em documentos, tais como a “Carta de Aalborg+10 (2004)”, e a “Carta de Leipzig sobre as Cidades Europeias Sustentáveis. (2007)”, na qual foram elaboradas algumas recomendações, de modo a promover o progresso social, coesão territorial e o crescimento econômico nas cidades, propondo para tanto, a criação e preservação de espaços públicos de qualidade; a modernização das redes de infra estrutura e melhoria da eficiência energética e uma ação particular aos bairros carentes no contexto da cidade.

Dessa forma, estas novas concepções urbanísticas demandam também um novo olhar do arquiteto para esta cidade, que se pretende compacta, sustentável e voltada para as pessoas.

Após tais reflexões, pode-se aqui questionar: 1) Estes novos programas urbanos têm sido atendidos em trabalhos acadêmicos que são a base da formação do arquiteto? ; 2) A discussão teórica que está embasando estas transformações da cidade contemporânea tem sido discutida, de forma

interdisciplinar, em cadeiras acadêmicas de projeto arquitetônico nos cursos de graduação?; 3) Os trabalhos acadêmicos de conclusão de curso vem preparando o futuro profissional para este desafio de construção de uma “nova” cidade?; De que maneira, o jovem arquiteto se depara com esta realidade de um mercado institucional municipal para o ordenamento das cidades brasileiras, especificamente, contemporâneas?

Tomando como base, as observações realizadas em sala de aula, em trabalhos realizados por estudantes da graduação e pós graduação em arquitetura e urbanismo da UFPI e da UFCG, e trabalhando com dados coletados no levantamento de projetos de conclusão de cursos e suas relações com a futura prática profissional do arquiteto e urbanista, poder-se-á nesse momento discutir a respeito de tais questionamentos.

4 DISCUSSÃO

Sobre a questão que trata sobre o atendimento aos novos programas urbanos desenvolvidos em trabalhos acadêmicos como a base da formação do arquiteto, pode-se observar um distanciamento entre o ensino acadêmico/ universidade e a cidade e suas demandas reais. A falta de diálogo entre os atores públicos municipais e a academia, devido à inexistência de programas de extensão que procurem esta aproximação, vem dificultando o contato discente com a realidade de nossas cidades.

Quanto à discussão teórica que está embasando estas transformações da cidade contemporânea, e se esta tem sido discutida de forma interdisciplinar em cadeiras acadêmicas de projeto arquitetônico nos cursos de graduação, observa-se que, infelizmente, isso não vem ocorrendo. Os assuntos dos programas das disciplinas não dialogam entre si, e não interação entre os conteúdos: cada disciplina segue aleatoriamente suas ementas, sem fazerem uma ponte entre si, fazendo com que o aluno, não relacione os distintos saberes e os articule de forma integrada.

No que é referente à produção dos trabalhos acadêmicos de conclusão de curso, estes raríssimas vezes, atendem às demandas programáticas da cidade contemporânea. As universidades públicas, como são os dois casos em estudo (UFPI e UFCG) poderiam estar mais voltadas para as questões de melhoria da qualidade de vida da população de baixa renda, tentando apresentar propostas mais práticas e menos teóricas, de mobilidade, sustentabilidade, propondo edifícios mais racionais, e climaticamente corretos, utilizando sistemas e materiais viáveis aos condicionantes sociais, geográficos e culturais. Além disso, a participação acadêmica no planejamento e no desenho urbano também é fundamental. Mas, o que se observa é a dissociação entre os atores municipais e os

acadêmicos, que são vistos como utópicos, “sonhadores”, idealistas, não participando ativamente das intervenções espaciais urbanas. A opinião da academia muitas vezes incomoda ao político, ou ao gestor, que vêem na participação acadêmica, um entrave às propostas municipais.

De que maneira, o jovem arquiteto se depara com esta realidade de um mercado institucional municipal para o ordenamento das cidades brasileiras, especificamente, contemporâneas? Esta falta de diálogo entre cidade/ universidade, entre arquitetura/cidade, vem formando profissionais que possuem dificuldades em lidar com o ente público.

5 CONCLUSÃO

As reflexões de uma experiência didática que trata sobre o projeto arquitetônico contemporâneo: do ensino à prática, nos levam a algumas considerações finais, que serão pontuadas a seguir.

A inexistência de metodologias de ensino de projeto de arquitetura em nossos cursos, que dialoguem o fazer arquitetônico com as demais áreas correlatas, como a atenção aos condicionantes legais, normativos/ leis municipais, estaduais, federais; geográficos/ o lugar; sociais/ as pessoas; econômicos/ os meios; e principalmente, técnicos/ sistemas e materiais construtivos, estruturais, aportados na engenharia civil, e partindo-se do princípio que arquitetura é construção, e que também, o diálogo com a realidade mercadológica é essencial- tem acarretado em resultados caracterizados por uma abstração temática, com alunos “perdidos” em modismos, em “modelos”, distanciados do embasamento teórico necessário.

Observa-se ainda, a necessidade em se referenciar as práticas, em fontes que justifiquem ou reforcem as suas concepções, na teoria da arquitetura- que vem sendo relegada para segundo plano- e tendo seu discurso esvaziado e distante do processo projetual, conforme foi visto no início desse texto. Conceitos de tipos, lugar, sustentabilidade, tectônica, relações forma/ função- são discussões que precisam ser retomadas nas disciplinas de projeto arquitetônico, e se concretizarem nas propostas apresentadas.

Quanto à relação projeto arquitetônico e cidade, observa-se como consideração final que a descrença no discurso político, a falta da relação academia/ cidade durante as suas formações acadêmicas devido à inexistência de incentivo docente na busca por parcerias de extensão e pesquisa, vem tornando o ensino do projeto arquitetônico contemporâneo, cada vez mais abstrato: são realizados projetos em terrenos “sem proprietário”, intervenções “sem clientes”, normas municipais e técnicas sem fiscalização, concepções arquitetônicas sem relações com projetos estruturais, acarretando em

projetos abstratos, desvinculados da realidade, e que se inspiram em “modelos” e não em tipos, desvinculados da realidade de cada local, e sem buscar critérios projetuais que norteiem essas propostas, alegando que ao fazer isso, podem bloquear “ a criatividade” dos alunos.

Esse sistema presente dentro das instituições de ensino, no qual os docentes não atentam para as questões anteriormente levantadas, e principalmente, por não trabalharem com uma metodologia focada em um objetivo claro- dialogar arquitetura/cidade/ contemporaneidade, considerando os aspectos geográficos, culturais, econômicos, sociais, ambientais- inter relacionados entre si, vem causando uma baixa qualidade projetual, que necessita, urgentemente, ser revista nos projetos pedagógicos dos cursos na área.

Cabe a cada um de nós, docentes da disciplina de projeto arquitetônico em nossas instituições, procurar ter consciência de nossas falhas, de nossa formação, da nossa necessidade de mais dinamismo e informações, e como “mestres” em uma sala de aula, tentar reverter este quadro, procurando dar mais qualidade, e obter resultados positivos nos exercícios acadêmicos, que podem deixar de ser meras abstrações projetuais e tornar-se de fato, arquitetura- construção de espaços.

6 AGRADECIMENTOS

Agradece-se aqui, as contribuições e apoios recebidos para o desenvolvimento deste artigo, aos alunos e ex alunos dos cursos de arquitetura e urbanismo da UFPI, em nível de graduação e de pós graduação, que permitiram a adoção de uma metodologia projetual que procura norteá-los para o início do processo projetual, sem de forma alguma, querer impor regras ou modelos a serem seguidos, mas apenas, empregados como mais um dos diversos caminhos, para o desenvolvimento de projetos na contemporaneidade.

7 REFERÊNCIAS

ASCHER, F. Os princípios do urbanismo moderno. São Paulo; Editora Romano Guerra. 2010.

Carta de Aalborg +10. Disponível em rede em http://www.dipucuenca.es/medio_ambiente/Agenda%2021%20Local/documentacion_pdf/7bis_Compromisos_de_Aalbor10.pdf. Acessado em 20 de janeiro de 2015.

Carta de Leipzig sobre as Cidades Europeias Sustentáveis. Disponível em rede em http://politicadecidades.dgotdu.pt/docs_ref/Documents/Coopera%C3%A7%C3%A3o%20Internacional/Carta%20de%20Leipzig.pdf. Acessado em 20 de janeiro de 2015.

COSTA, Lúcio. Considerações sobre arte contemporânea (1940). In: Lúcio Costa, Registro de uma vivência. São Paulo: Empresa das Artes, 608 p.il.1995.

FRAMPTON, Kenneth. Rappel à l’Ordre: The Case for the Tectonic. Architectural Design, Londres, v. 60, n. 3-4, p.



PROJETAR - 2015

Originalidade, criatividade e inovação no projeto contemporâneo:
ensino, pesquisa e prática. Natal, 30 de setembro a 02 de outubro.

19- 25.1990.

FRAMPTON, Kenneth. *Studies in tectonics culture*. Cambridge, Massachussets. The MIT Press.1995.

FRASCARI, Marco. *The Tell-the-Tale Detail (1981)* In NESBITT, Kate. *Theorizing a new agenda for architecture: An anthology of architectural theory 1965-1995*. Nova York: Princeton Architectural Press, 1996.

GREGOTTI, Vittorio. (1983) *O Exercício do Detalhe*. In NESBITT, Kate. *Theorizing a new agenda for architecture: An anthology of architectural theory 1965-1995*. Nova York: Princeton Architectural Press, 1996.

MAHFUZ, E. da C. *Nada provém do nada*. São Paulo, Revista Projeto, n.69, 1984.

MAHFUZ, E. *O sentido da arquitetura moderna brasileira*. São Paulo: Arqtextos, 2002. Em rede em <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/02.020/811>. Acessado em 10 de fevereiro de 2015.

MAHFUZ, E. *Banalidade ou correção: dois modos de ensinar arquitetura e suas consequências*. *Arqtextos*, São Paulo, ano 14, n. 159.05, Vitruvius, ago. 2013 <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/14.159/4857>>.

MONTANER, J. M. *Arquitetura e Crítica AC*. Barcelona: Gustavo Gili. 2007

NESBITT, K. (org). *Uma nova agenda para a arquitetura: antologia teórica (1965-1995)*. São Paulo: Editora Cosac Naify, 2013.

PIÑÓN, Helio. *Curso Básico de Proyectos*. Barcelona, Edicions UPC, 1999.

ROSSI, A. *A arquitetura da cidade*. Trad. E. Brandão. São Paulo, Martins Fontes, 2001.

STROETER, J. R. *Arquitetura e teorias*. São Paulo: Nobel. 1986.

PEREIRA, R. B. *Arquitetura, imitação e tipo em Quatremère de Quincy*, São Paulo, tese de doutorado, FAUUSP, 2008. *Revista Arquitetura e Urbanismo AU*, São Paulo, n. 10, fevereiro-março, 1987.

PERDIGÃO, Ana Kláudia. *Considerações sobre o tipo e seu uso em projetos de arquitetura*.2009. *Arqtextos*. São Paulo. ano 10. <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arqtextos/10.114/14>. 114.05ano 10, nov. 2009. Acessado em 14 de janeiro de 2015.

NOTAS

¹ Tipo, do grego typos (τυπος), significa “matriz, impressão, molde, figura em relevo ou em baixo-relevo” e distingue-se de modelo, do latim modellum, trasladado às artes através do italiano modello, que implica uma “cópia literal” e possui demasiadas conotações empíricas, físicas e miméticas.

² O texto escrito por Cláudio Amaral, em 2007, intitulado "Descartes e a caixa preta no ensino-aprendizagem da arquitetura", aprofunda as discussões sobre funcionalidade, partindo de Descartes à contemporaneidade e pode ser acessado pelo portal Arqtextos. 090.07.

³ O conceito de tectônica conceito foi lançado Kenneth Frampton no artigo *Rappel l'ordre*, de Kenneth Frampton (1990)-posteriormente desenvolvido em seu livro *Studies in Tectonic Culture* de1995.

⁴ Sobre Tectônica, há um texto esclarecedor e acessível ao leitor em geral escrito por: AMARAL, ISABEL. Quase tudo que você queria saber sobre tectônica, mas que tinha vergonha de perguntar. <http://www.revistas.usp.br/posfau/article/viewFile/43644/47266>. Janeiro 2009.